

Sem medo de setembro

O MÊS de setembro, devido ao início da liberação dos cruzados novos bloqueados, tornou-se uma espécie de bicho-papão na economia brasileira. Os mais pessimistas prognosticavam um estouro da inflação, a partir da hipótese de que as pessoas teriam perdido a confiança nos mecanismos tradicionais de poupança e que, ao receber de volta os recursos, partiriam para o consumo exacerbado.

O CORRE que a confirmação desse prognóstico exigia que as autoridades financeiras perdessem inteiramente o controle da moeda.

OS FATOS vêm demonstrando o contrário: acumulam-se as providências para dar o máximo de normalidade ao desbloqueio dos cruzados. Transferências de titularidade voltaram a ser permitidas, de modo a criar facilidades operacionais para a movimentação posterior desses recursos (as diversas contas de cruzados já podem ser, por exemplo, concentradas em uma única instituição financeira). E também se permitiu o pagamento de débitos tributários com o estoque da moeda bloqueada. Nesta última sema-

na, foi anunciado o lançamento das Notas do Banco Central (NBC), o que dotará o Governo de mais um instrumento de política monetária.

O PRÓPRIO mercado tem tido a iniciativa de criar mecanismos de poupança capazes de sensibilizar os investidores. Dessa forma, tudo leva a crer que a economia conseguirá superar o desafio de setembro. A moeda que se dirigir para o consumo, o fará em processo natural; quando a liquidez se apresentar além dos limites considerados convenientes para a política antiinflacionária, o Banco Central poderá enxugar o excesso.

DEVE-SE considerar que os sinais de recuperação já apresentados pela economia não refletem falta de controle sobre a liquidez. As exportações têm andado muito bem nos últimos meses e, sendo o comércio exterior uma forte alavancas para o mercado interno, era de se esperar que as vendas fossem melhorando gradualmente, setor por setor, conforme a ordem comum de reativação da economia (primeiro as matérias-prí-

máis e produtos intermediários, depois os bens finais; por último, os bens de capital).

E ISTO vem ocorrendo ao mesmo tempo em que o Governo põe em prática o descongelamento de preços. Os índices de inflação registraram alta, mas, diante dos números da fase crítica do congelamento (em nenhum momento a inflação esteve abaixo de 5% ao mês), é até surpreendente que os preços tenham se comportado tão moderadamente. Cabe destacar que os produtos com preços liberados estão apresentando, em média, altas inferiores aos reajustes concedidos para bens controlados, e que estavam com grandes defasagens em relação a seus custos de produção.

DESSA maneira, o assustador setembro vai sendo previamente exorcizado. O fundamental é que o Governo não deixe de cumprir a sua parte, mantendo as contas do Tesouro Nacional equilibradas e atuando com atenção e firmeza na política monetária para corrigir qualquer desvio de liquidez em tempo hábil.